

IMPORTÂNCIA DE UMA LEITURA LOCAL NA FORMAÇÃO DO LEITOR DO DISTRITO FEDERAL

SOUZA, Paulo Henrique Cavalcante.

Curso de Bacharelado em Letras
Centro Universitário Internacional Uninter

RESUMO

O presente artigo foi produzido por meio de revisão bibliográfica que parte de um questionamento sobre o que influência, de forma social e cultural, a introdução da produção literária do Distrito Federal na sala de aula. É apresentado dois exemplos de livros escritos por residentes, Tudo que morde pede socorro de Cinthia Kriemler, Pátua 2019, e Canto escuro de Daniel Barros, Penalux 2019, que podem ser apresentados aos alunos, principalmente de ensino médio e ensino de jovens e adultos. Esse estudo propõe um resgate daqueles que veem a leitura como uma vivência, uma forma prazerosa de aprender, também abordando como ainda encontramos as práticas na escola e as problemáticas que cercam o professor. Tendo como base os estudos apresentados pelo professor da Universidade Federal do Pará, Benedito Nunes, e pela tese de doutorado de Josué de Sousa Mendes pela Universidade de Brasília, este artigo adquire a base que possibilita criar um paralelo entre as narrativas apresentadas nos livros selecionados. Como resultado é possível verificar que a “formação do leitor” no período escolar é a grande solução para o problema apresentado.

Palavras-chave: Leitura Prazerosa. Literatura Brasiliense. Formação de leitores de literatura.

1. INTRODUÇÃO

Ao trabalhar com as obras literárias Tudo que morde pede socorro de Cinthia Kriemler (Ed. Pátua) e Canto escuro de Daniel Barros (Ed. Penalux), ambos autores residentes no Distrito Federal de grande repercussão de crítica e mercado, porém com pouca repercussão do público leitor local. O Distrito Federal sofre com um problema de reconhecimento de escritores e escritoras que produzem suas obras na cidade e não alcançam o grande público local, seja por problemas de distribuição, seja por falta de apoio do governo local ou pela rede de ensino pública não ter uma linha de trabalho definida e oficial com a literatura local. O não pertencimento do escritor com sua localidade e o não reconhecimento da comunidade com sua produção é o problema que o artigo em questão analisará. Dentro desse parâmetro além da fomentação de uma literatura mais presente socialmente, existe a possibilidade de uma crescente na formação do

leitor de uma forma mais orgânica e estável.

1. LEITURA DE AUTORES LOCAIS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES DE LITERATURA

A formação de leitores parte da prática simples e pura da leitura, porém para se ter a formação de leitores de literatura conscientes de seu papel social, é necessário que sejam apresentados a eles a produção literária produzida em sua zona de influência social, a apresentação de obras escritas por locais. Dessa forma, foi estudada duas obras literárias produzidas no Distrito Federal e que podem ser utilizadas como modelo para a aproximação do público não leitor com a literatura e assim, criar-se o leitor. Para tal, segue a sinopse das duas obras:

Tudo que morde pede socorro: Leonora é uma mulher que vive com seus demônios. Para se ver livre de uma história de violência que culminou num acidente de carro que deixou sequelas, e que causou a perda do seu emprego como professora, ela decide ir morar na terra em que sua mãe nasceu. Em Baependi, uma pequena cidade no sul de Minas Gerais, passa a viver das traduções que faz para a empresa de um amigo. A jornada é de sobrevivência e de busca por um isolamento desejado, que lhe permita viver em paz. No entanto, o que a espera não tem nada a ver com paz. Aos poucos, enquanto traduz o livro de uma feminista francesa, vai sendo envolvida por vidas nada pacatas. Paula Regina, uma adolescente que passa por graves problemas. Fazal, um rapaz afegão que tem um passado de sofrimento marcante. Anna Bonifácio, uma escravizada do Séc. XIX cuja história lhe chega por meio de documentos antigos. E Nhá Chica, a filha de uma escravizada que foi beatificada pela Igreja Católica em 2013 e por quem Leonora sente fascínio desde pequena, por influência de sua mãe. Essa trama de desacertos, sofrimentos e narrativas intensas fala da dominação e da escravização do humano em diversos níveis. A escravização física. A escravização religiosa. A escravização sexual. E sobre os caminhos que cada um deles escolhe em direção à liberdade – Editora Patuá, 2019.

Canto escuro: Em Canto Escuro, a história de Paulo Henrique é contada de maneira tão pungente, que a identificação do leitor com ele é inevitável, para o bem e para o mal. Suas falhas, suas vontades, seus desejos, são todos

retratados de forma exageradamente humana e o leitor se sente convidado para acompanhar todas as situações pelas quais ele passa, ainda que não aprove os meios que ele usa para alcançar alguns fins. De fato, impressiona o tanto de humanidade com que são retratados os personagens dessa história policial, com pitadas de erotismo e um sutil toque de humor negro. Todos se comportam como alguém que conhecemos e às vezes até reprovamos. A identificação com algo familiar, enquanto acompanhamos o desenrolar da história é, portanto, inevitável. O enredo de *Canto Escuro* é construído de forma a impactar quem lê, algo que acontece com maestria em algumas ocasiões – a vontade de ser mais específica é grande, mas seria um pecado tirar de você, colega leitor, a chance de descobrir facetas humanas presentes nesta obra e que são vistas em tantas pessoas, mas na maioria das vezes negadas – Amanda Pessoa, Editora Penalux, 2019.

Comparar essas duas obras é entender que cada uma parte de pontos narrativos distintos. A obra de Cinthia Kriemler parte de um pressuposto de reforma íntima, onde todos os personagens que são apresentados durante a narrativa estão em um processo interno de construção e desconstrução em relação aos seus passados. A obra de Daniel Barros parte do pressuposto da dualidade inerente do homem, onde o personagem principal é um exemplar servidor público, porém, com desvios de conduta em sua vida pessoal e amorosa.

Reconhecer esses dois livros, é reconhecer que o leitor precisa de obras que conversem com seu mundo interno e externo, que lhe desperte o interesse pela leitura pelo reconhecimento de seus interesses, dúvidas, cultura e modo de vida que estão retratados nas páginas dos livros. Esse ciclo de leitura auto-reconhecida, principalmente quando essa leitura retrata algo palpável e é produzida por alguém que também vive em sua comunidade, faz com que essa leitura tenha um peso maior de representatividade e conseqüentemente uma importância maior para a criação do hábito de leitura, como afirma Mendes:

O fato de esse processo ser quase infundável reforça a ideia de que formar o leitor não é perda de tempo, posto que faz parte de um processo que não se esgota na leitura. Cada novo conhecimento conduz, por sua vez, a novas leituras, dentro de um círculo virtuoso. (MENDES, 2008, p. 19).

Por esse motivo deve-se entender o que se pode esperar da leitura para uma pessoa que está iniciando sua vida literária, ou seja, a de se ver e de

reconhecer elementos do seu cotidiano na narrativa e nos dilemas vividos pelos personagens da trama. Por conseqüente, neste início de formação é preciso que sejam apresentados ao novo leitor obras que conversam com essas características, e esse trabalho de inicialização é primordialmente executado no âmbito familiar e na escola no período de alfabetização. Porém, quando não se há o hábito de leitura na família e quando a escola primária não consegue criar o hábito de forma orgânica a formação do leitor fica deficitária e não se perpetua no período adulto da pessoa.

É nesse foco da criação do hábito de leitura e na formação do leitor de literatura que este artigo foca sua linha de raciocínio, como alcançar aqueles que passaram pelo tempo de se criar esse hábito e assim criar leitores que dificilmente se tornariam leitores. Essa importância da formação do hábito da leitura é muito bem colocada por Mendes:

Por meio da leitura é que se pode desenvolver a capacidade de discernimento sobre qualquer tema, sem correr o risco da superficialidade e da inconsistência. O leitor, nesse sentido, deve ter um comportamento ativo diante da leitura para melhor recepção do texto. Certamente, não é fácil, mas a tarefa dos mediadores da leitura – professores, pais e agentes – é proporcionar certo grau de desempenho ao leitor. (MENDES, 2008, p. 50).

Assim sendo, a escolha da temática de livros a serem apresentados a estes novos leitores é de extrema importância e atenção ao agente ou professor que esteja trabalhando na formação destes leitores com maior idade. É preciso averiguar qual o contexto social que esse novo leitor se enquadra, em qual sentido foi orientada sua vida acadêmica na formação de base, como no ensino médio, quando este o tiver já concluído e quais seus interesses e preferências culturais.

Não se pode esquecer que o processo de leitura até que se chegue ao ponto de virar um hábito, e que o novo leitor se torne um leitor de literatura é necessário que ele tenha acesso a cultura de uma forma ampla e plural. Aqui subtendesse que o novo leitor em sua formação tardia tem acesso, mesmo que de forma esporádica, a outros meios culturais como teatro, cinema, shows, saraus e encontros de valorização de expressões regionais, pois como já avaliado por Benedito Nunes, a leitura por si só pode apresentar uma série de entraves que façam com que a formação do leitor seja mais difícil:

Para tal mentalidade, a literatura, “ce métier de chambre” (ofício de câmara ou de quarto), como já dizia Paul Valéry, vai se tornando estranha. Pois que a literatura como tal, principalmente a poesia, sabe ser lenta, tortuosa, as vezes difícil, inquisitiva, extraordinária, conflituosa, atordoante para o pensamento, com horizontes longínquos e só degustável em calma reflexiva. (NUNES, 1998, p. 09).

Apesar de todos os entraves que a prática de leitura possa apresentar, é necessário que seja sempre vista como uma das práticas mais importantes e que mais geram a transformação íntima daquele que a prática.

3. UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A ENTREGA DE LITERATURA E A SUA PRÁTICA NA ESCOLA

A escola é o local onde o cidadão é formado, seja na infância no momento da alfabetização, ou no momento de maioridade com a educação de jovens e adultos, no entanto é o local onde as crianças relutam em ir, e os adultos e adolescentes vão sem entregar sua atenção total nas aulas. O local que deveria ser o ambiente de prazer pela entrega do conhecimento acaba tornando-se um ambiente triste e sem motivações, principalmente com a carga de leituras obrigatórias que não se comunicam diretamente com os alunos.

Através de extensa observação percebe-se que a grande maioria das escolas são muito conteudistas, principalmente durante o ensino médio e na educação de jovens e adultos. Existe um enorme distanciamento sobre o conteúdo literário que é entregue aos alunos sem a preocupação de saber se aquele material irá despertar o interesse dos alunos. Esses textos, muitas vezes por não falarem do cotidiano dos alunos, ou de não poderem ter o contato direto com os autores, faz com que sejam vistos como textos frios, distantes e que não tocam seus corações, mas seguem fazendo parte de um currículo abarrotado, mecânico e que não faz parte da realidade local, bem como é colocado por Saraiva:

A análise em que se encontra a leitura comprova a ineficiência da escola, pois o aluno manifesta seu desinteresse por essa atividade, evidenciando a distância que se estabelece entre ação pedagógica e o alcance do comportamento desejado. O pretense leitor assume um papel de decodificador e de eventual intérprete, sem alvejar o desenvolvimento de atitudes crítico-reflexivas e limitar suas experiências com textos exigidos pela escola e usa no cotidiano a leitura de jornais e revistas. (SARAIVA, 2001, p.23).

Não raro, encontramos escolas que estudam e praticam os conceitos literários desde a educação infantil. Ao longo do tempo os alunos realizam resumos, fichamentos, classificação de livros e pesquisas bibliográficas de autores já mortos, ou que não pertencem a sua zona de influência geográfica, gerando assim um sentimento de distanciamento do estudante com a prática da leitura, como evidência Zilberman:

Por que motivos as crianças de modo geral são poetas e, com o tempo deixam de sê-lo? (...) Mas se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instituto poético da que vai fenecendo a proporção que o estudo sistemático desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida? (ZILBERMAN, 1985, p.64).

É importante que haja um equilíbrio na formação do currículo escolar, levando o cânone literário, como também a literatura contemporânea emergente. Levar o autor residente para ter contato com o aluno é antes de tudo uma forma de extrapolar a leitura como única e exclusivamente para a elaboração de resumos fichamento e afins. Ter o autor presente com a formação do aluno, que será futuramente um leitor de literatura, é dar o prazer e o empenhamento da troca de experiências de quem leu para com quem escreveu, dando um nível de profundidade e prazer muito maior a prática da leitura. Se a leitura for levada apenas para o lado da obrigação acadêmica o leitor nunca será formado, o que já foi muito bem colocado por Abramovich:

Literatura é arte, literatura é prazer (...) que a escola encampe esse lado. É apreciar e isso inclui criticar (...). Se ler for mais uma lição de casa, a gente bem sabe no que dá (...). Cobrança nunca foi passaporte para vontade, descoberta ou crescimento de ninguém. (ABRAMOVICH, 1993, p.148).

É fácil de observar que em muitas escolas existem vários projetos de incentivo à leitura, principalmente no momento da alfabetização, mas pouco se vê esses projetos durante o ensino médio e na educação de adultos. Essa falha faz com que aquele que chega a fase adulta da vida e que ainda necessite estudar não consiga adquirir o prazer na leitura, a vendo apenas como etapa obrigatória para adquirir o seu diploma.

Logo é necessário que o professor tenha consigo essa compreensão para refletir em sua prática, assim como a própria escola também deve pensar em maneiras de trazer essa prática, apontar erros e apresentar soluções palpáveis.

Não podemos deixar de reconhecer que os professores, em sua maioria, não vêm de contextos socioeconômicos de maior privilégio. A grande maioria dos professores tiveram que lutar pelos seus próprios diplomas, muitas vezes cumprindo dupla jornada, com estudos e trabalho para se manterem. É importante entender que o fluxo natural da sociedade brasileira é o da não prática da leitura de literatura, e que essa realidade faz parte da história e formação de boa parte dos professores que hoje estão em sala de aula. Esse contexto traz a importância desse questionamento que os próprios professores precisam se fazer constantemente de sempre buscar leituras e aumentar o seu próprio repertório de leitura. Essa prática faz com que o professor tenha uma maior habilidade em avaliar e ter uma visão crítica sobre a obra, como é dito por Saraiva:

Análise do livro: ele é bem escrito? Conta uma história original? Vai prender a atenção do leitor? Está de acordo com a faixa etária? É capaz de despertar o imaginário? De suscitar problemas e encontrar soluções para eles? Que tipo de ideologia perpassa a história contada? Trata-se de uma obra meramente didática ou moralista? (SARAIVA, 2001, p.76).

Outro fator que deve ser visto como um problema a ser solucionado é do fator de mercado que foi criado em cima do aluno, onde editoras e agentes editoriais enxergam os alunos como consumidores e fatia de um mercado, e não como leitores. São inúmeras as listas de livros que são distribuídas em escolas, onde os livros são vistos unicamente como mercadoria e não como conteúdo de formação, fazendo a escolha do professor cair em um viés de comodidade por aqueles serem os livros de serem adquiridos para os alunos, e que em raras ocasiões serão realmente aproveitados como ferramentas de criação de hábito de leitura.

As listas de vendas que circulam nas escolas não devem ser abolidas, pelo contrário, devem ser aprimoradas. Ao invés de chegar nas mãos dos professores listas com títulos e resumos que pouco dizem sobre a aplicabilidade daquelas leituras em sala de aula, as editoras devem começar a entender que listas genéricas que são aplicadas em todo o território nacional venderam muito menos do que listas regionalizadas que conversam de forma mais direta com os alunos.

Parte também dos professores de apontar aos editores e agentes literários os residentes que produzem literatura para fazerem parte destas mesmas listas.

Desta forma, por fim, é importante que o professor tenha essa visão de longo prazo quando for criar o currículo de leituras do ano para ser entregue aos alunos. É importante que ele tenha respeito as suas limitações de conhecimento de obras, mas que ao mesmo tempo, não deixe que essa limitação o impossibilite de conhecer outras obras que possam ser utilizadas em sala de aula com o intuito de serem alavancas para a criação do hábito da leitura.

4. O PRAZER DE LER A LITERATURA DE AUTORES LOCAIS E SUAS INTENCIONALIDADES

O prazer de ler uma história que conversa com as vivências e se aproxima do seu modo de ver o mundo é o ponta pé inicial para a formação de um leitor, é necessário que seja apresentado a esse aluno um leque de leituras que abranja desde o cânone da literatura nacional e a literatura contemporânea de outras regiões do país como também de sua localidade.

Esse esforço de apresentar o que melhor pode despertar o interesse para o aluno deve partir da pessoa que propõe a leitura na sala de aula, ou seja, do professor. É a figura de autoridade da sala de aula que deve apresentar dentro de seu repertório as obras que melhor irão se conectar com os alunos, buscando sempre o objetivo de usar a leitura como uma alavanca do pensamento crítico e do acesso do conhecimento e da busca de criar o hábito da leitura como uma prática prazerosa. Esse pensamento é muito bem colocado por Solé:

Refiro-me ao fato de que os bons leitores não são apenas os que compreendem mais e melhor os textos que leem, mas os que sentem prazer e gosto pela leitura. Não é razoável esperar que aprendam a sentir prazer e gosto pela leitura sem certos modelos que lhes proporcionem fundamentos adequados a respeito. (...) Formular situações em que o aprendiz possa abordar progressivamente seu manejo e ajudá-lo para que, partindo do ponto em que se encontra, possa ir cada vez um pouco além, no sentido do domínio autônomo. A única diferença é que neste caso, é preciso ser especialista em se deliciar com a leitura para poder ajudar os alunos. (SOLÉ, 1998, p.12).

Dessa forma, podemos voltar ao ponto inicial da motivação deste artigo em questão, a leitura de locais para fomentar o hábito da leitura. As duas obras

trazidas como exemplo, dos autores Cinthia Kriemler e Daniel Barros, são obras que trazem vivências próprias da comunidade do Distrito Federal, e tratam desses sentimentos comuns em forma de arte literária.

Como pode ser visto no trecho retirado do livro *Canto escuro* que evidenciam o clima seco e quente da capital federal, “No meio da manhã, Paulo Henrique chegou à casa de Claudio. O Sol estava causticante e o tempo seco, ideal para um banho de piscina”, Barros (2019, p. 112). Esse trecho por menor que seja, traz uma profundidade de sentimentos para quem também vive o clima seco e a sensação de queima da pele que o sol do cerrado provoca. Esses detalhes que fazem com que a leitura seja muito mais palatável.

Na obra de Kriemler o fator trago para essa abordagem é do sentimento de lar que o imigrante possui. A autora traz uma abordagem estilística e potente sobre o sentimento de imigração e de viver em um local que não é o do seu nascimento, sentimento esse que fica evidenciado no seguinte trecho:

Quando eu vim para cá, Baepandi era a cidade tranquila que me abrigaria de um passado ruim. Uma cerca me isolando de pessoas cruéis. Vizinhos. Parentes distantes que restaram de uma família que se dissolveu quando as tias morreram. (KRIEMLER, 2019, p.117).

A história de Brasília é impossível de ser contada se não se retratar o calor e secura do ar, é impossível de ser contada sem falar no maior fluxo migratório de pessoas que foram a tão falada “Capital da Esperança” em busca de uma vida melhor. Para o brasileiro, ter a possibilidade de ler obras que retratam dessas sensações e sentimentos, é dar a carga da leitura um ponto a mais do que o simples fato de ler uma obra, é dar ao futuro leitor a chave de uma possibilidade de se ver nas páginas dos livros.

Além desses fatos apresentados as duas obras em questão trazem muitos outros pontos de encontro com quem mora no Distrito Federal. Em Tudo que morde pede socorro, a autora traz questionamentos sobre o pertencimento de quem vive em um local de cultura e costumes diferentes daquele que foi o seu local de nascimento, enquanto na obra *Canto Escuro* o autor aborda o cotidiano de um servidor público que é moralmente errado em sua vida privada, mas um ótimo servidor dentro do funcionalismo público.

Algo que Solé (1988) fortemente aponta é que “as situações de leitura mais

motivadoras também são as mais reais (...). Isso é o encontro que a pessoa tem com a leitura que teve de forma pessoal naquela leitura, o que leva a reconstrução de pontos de vista, reformulação do próprio entendimento de como o mundo funciona a partir de uma leitura que conversa com o mundo e a cultura que o leitor vive em sua comunidade.

Seguindo essa ordem natural, de apresentação da leitura e a fomentação da criação do hábito de leitura com essas obras, o aluno conseguirá trilhar ali o seu caminho de forma autônoma e sem o peso de fazer algo que lhe esteja sendo um fardo, como é apontado por Mendes:

Não se forma uma cultura por decreto, assim como o leitor não é formado à força. O caminho, portanto, é despertar o prazer de ler; formar uma cultura leitora; e construir uma sociedade imaginativa. (MENDES, 2008, p.191).

Nesse contexto, os próprios alunos terão condições de produzir suas listas de leituras, ter a capacidade de buscar outros livros que conversam com suas preferências e ao passar dos anos aprimorar seu gosto pela leitura de literatura.

Para a criação de um leitor de literatura é necessário que o professor saia do método fácil, que é a entrega de conteúdo de literatura fora da lista dos mais vendidos do mercado e dos de fácil acesso por editoras que trabalham diretamente com a escola. Além desse material considerado de fácil acesso, é necessário que o docente tenha em mente que a cultura literária é muito mais ampla e ramificada do que é apresentado pelo mercado. Toda região tem seus mitos e culturas que são descritos por escritores locais, é necessário ter a boa fé de buscar esse conteúdo considerado de difícil acesso para a sala de aula.

É de grande importância que o professor se veja como um leitor a todo o momento, e que a sua formação pedagógica não trave o seu próprio caminho literário, é necessário que o ensino e a abordagem da literatura em sala de aula sejam vistos em uma ótica de conversa e de incentivo de leitor para leitor, e não de professor para aluno, como aponta Mendes:

O certo é que não se nasce leitor; aprende-se a ser leitor. Esse princípio alimenta a formação da cultura leitora, porque a promoção da leitura aproxima o leitor da cultura, e a educação conduz o leitor a uma educação estética. Falar de formação de leitor e mais estritamente da formação de cultura leitora é olhar com exclusividade para quem é responsável por essa missão formadora, o professor. (MENDES, 2008, p.192).

Os alunos, mesmo aqueles que apenas tiveram a oportunidade de praticar a leitura de literatura em idade mais avançada, terão muito mais chances de desenvolver o hábito sadio da leitura com obras que lhe digam mais sobre eles e suas comunidades. Mendes ainda afirma mais sobre:

Nesse processo de formação, a estratégia é aumentar as atividades complementares, de natureza interdisciplinar, diminuir a quantidade de disciplinas no componente de formação específica e privilegiar o que o aluno-leitor faz e realiza. Para isso, a escola deve, inicialmente, organizar os programas curriculares a fim de que a leitura literária seja oferecida em função do projeto político-pedagógico da escola, sem inibir a escolha do aluno-leitor pelo enriquecimento curricular. (MENDES, 2008, p.78).

Mendes ainda completa:

No caso específico da escola, que é o *locus* definido nesta tese, entendida aqui como uma instância de saber e de formação humana que se alimenta nas relações estabelecidas entre as pessoas e o mundo que as circunda, a escola deve empreender novas formas de leituras, tendo como princípio o fato de que a leitura tem efeito sobre o homem, a sociedade e o mundo. E se tal leitura for a literária, não só o universo dos leitores terá um novo componente, como também será possível a criação de novos mundos para dar nova significação à vida. (MENDES, 2008, p.78).

Outro problema vivido pela comunidade do Distrito Federal é que não existe uma política pública com força de lei que assegure que o escritor brasileiro tenha vez na base curricular comum. Isso faz com grande parte das escolas trabalhem pouco com aqueles que escrevem na cidade. Deixando um vácuo de pertencimento que não é criado nos alunos.

Esse cuidado de penar a base curricular acaba sendo refém do repertório do docente, e como já visto neste artigo, não se pode deixar levar por soluções fáceis.

Por fim, é importante salientar que quando se fala em formação de leitores de literatura, se fala em um conjunto de ações, obrigações, percepções e conhecimentos que devem ser atingidos e aplicados para minimizar as chances de o aluno ver a leitura como algo cansativo e que não irá agregar em nada na sua vida no futuro.

5. METODOLOGIA

Para se criar uma linha de raciocínio que traga uma evidência sobre a importância da produção de literatura local e suas influências na formação do leitor, a realização deste artigo foi baseada em levantamento bibliográfico. Todos os autores apresentados no decorrer do artigo têm extrema importância para os apontamentos feitos, principalmente do autor Dr. Josué de Sousa Mendes, com sua tese de doutorado “Formação do leitor de literatura: do hábito da leitura à cultura literária”. Também foi apresentado como fonte de inspiração a obra Benedito Nunes “Ocaso da literatura ou falência da crítica?”. Embora não seja diretamente citado o estudo de Lucas Belmino Freitas “Relação entre o Estado e os produtores culturais no Distrito Federal: incentivos a produção literária” foi de grande valia para dar liga ao raciocínio e a escolha dos livros apontados como bons exemplos para a formação de leitores no Distrito Federal.

Todas as observações citadas foram com base nas práticas dos estágios obrigatórios, no exercício da profissão da escrita e no convívio com professores e escritores do Distrito Federal em suas mais variadas realidades socioeconômicas e culturais, que puderam ser validadas por meio da pesquisa bibliográfica utilizada na pesquisa. Foi utilizada uma abordagem qualitativa, a fim da busca de uma coerência com a proposta da pesquisa apresentada. Foi utilizado como critério de escolha em relação as referências bibliográficas como também das duas obras literárias apontadas na pesquisa, a busca por autores com renome e repercussão de qualidade acadêmica sobre o tema, que possuíam tanto a vivência no ato de escrever literatura como no ato da docência e prática de leitura em sala de aula com a preocupação de se criar o hábito de leitura de literatura nos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da literatura sempre acompanhou a evolução da humanidade, seja no ato de contar histórias através de pinturas em paredes de cavernas, do teatro como forma de assimilar histórias até o consumo em leitura da forma que praticamos atualmente. Formar bons leitores, é perpetuar essa prática social que faz de todos nós humanos pertencentes de uma sociedade organizada, estabilizada e pensante. É através da literatura que tradições

familiares, regras morais, explicar o que ainda é visto como inexplicável pela ciência é passado de geração em geração e assim a humanidade cria sua inteligência coletiva.

Desde que a escola surgiu como instituição de ensino que ela sempre precisa se reavaliar e reposicionar sua forma de atuação para abraçar o novo e sempre ir em busca do melhor. O modelo rígido e de imposição do conhecimento não é mais bem visto, e isso se reflete na prática do ensino da literatura e da formação do leitor. Antigamente bons livros eram vistos como aqueles que eram difíceis de serem lidos, e que pouco conversavam com os alunos, por tratar de assuntos que muitas vezes aquele grupo de indivíduos dificilmente teriam contato ao decorrer de suas vidas. O professor era visto como autoridade que não erra e que tem uma base de conhecimento infinita. Hoje sabe-se que essas práticas são mais danosas do que benéficas.

A educação modernizou-se e a prática da docência também acompanhou esse movimento. O modelo rígido deu lugar ao diálogo e a imposição do conhecimento deu lugar a uma prática de sedução onde o conhecimento é dado como algo prazeroso, o que fez um enorme reflexo no ensino da literatura. Antes onde era imposto um livro que não trazia interesse, curiosidade ou prazer o aluno, e sua imposição chegava ao limiar de ser algo insuportável, hoje a prática da literatura na sala de aula respeita os gostos, interesses dos alunos para que cheguem em suas mãos livros que irão lhe dar o prazer na leitura.

A prática da leitura é um processo, uma jornada que começa de um ponto de partida fácil e prático e que ao passar dos anos vai ganhando nuances mais sofisticadas e complexas. Partindo desse raciocínio é visto que a apresentação de obras do cânone, junto com outras mais populares é importante para se criar o hábito da leitura no aluno, porém é de grande importância que também sejam apresentadas obras de autores locais a esse aluno.

Ao se apresentar obras de autores que residam na mesma localidade dos alunos, é visto que a prática da leitura se torna além da obrigação acadêmica. O aluno terá muito mais afinco em ler por saber que poderá se encontrar com aquele autor na escola, saberá mais sobre os mitos e culturas que fazem parte da cidade e conseqüentemente irá levar aquela experiência para além da escola.

Ter contato com quem produz também irá lhe dar o sentimento de orgulho de viver no mesmo espaço dos autores, e irá conseqüentemente quebrar o muro

do medo de não fazer algo por não ter exemplos próximos.

A leitura transforma as pessoas, o exemplo bom transforma as pessoas a nível social e a evolução interna faz surgir do aluno um adulto muito mais capacidade e consciente do seu papel perante a sociedade. Trabalhar o hábito da leitura de literatura nos alunos é dar o passo para o futuro de uma sociedade mais integrada e justa.

REFERÊNCIAS

- ARAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobicas**. São Paulo: Scipione, 1993.
- BARROS, Daniel. **Canto escuro**. Brasília: Penalux, 2019.
- KRIEMLER, Cinthia. **Tudo que morde pede socorro**. Brasília: Patuá, 2019.
- MENDES, Josué de Sousa. **Formação do leitor de literatura: do hábito da leitura à cultura literária**. Brasília: UNB, 2008.
- NUNES, Benedito. **Ocaso da literatura ou falência da crítica?** Belém: UFPA, 1998.
- SARAIVA, Ezequiel T. da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. São Paulo: Artmed, 1998.
- ZILBERMAN, Regina (rg.) **Leitura em crise na escola: As alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.